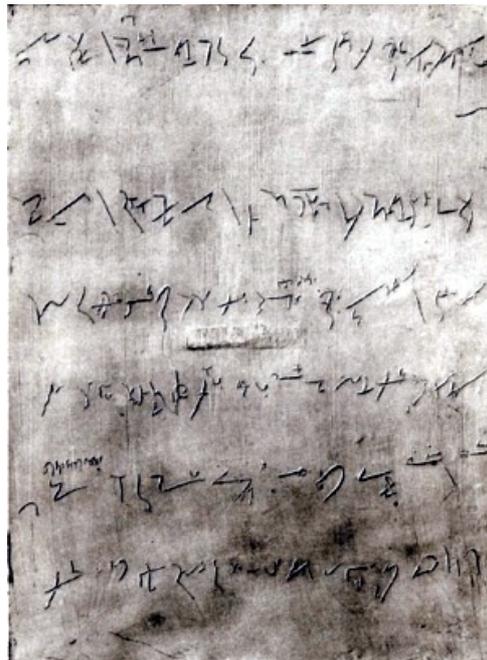


# AS NOTAS TIRONIANAS

## O PRIMEIRO SISTEMA ORGANIZADO DE TAQUIGRAFIA

Por: Waldir Cury



**Tabuleta encerada do século III d.C.  
com Notas Tironianas.  
(British Museum)**

# AS NOTAS TIRONIANAS

*Notae Notariorum* ou *Notae Tyronianae*.

## O PRIMEIRO SISTEMA ORGANIZADO DE TAQUIGRAFIA

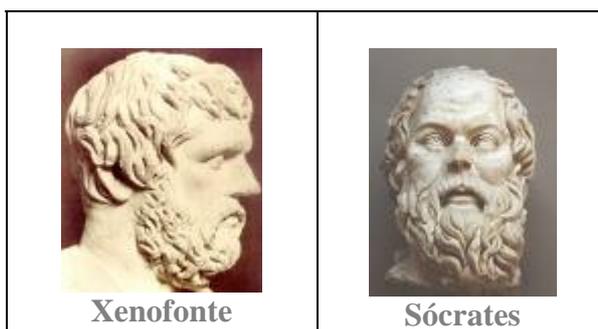
Por: Waldir Cury

A invenção da taquigrafia foi atribuída, por alguns estudiosos, aos gregos. Basearam-se nas afirmações de Diógenes Laércio e de Plutarco.

Diógenes Laércio, historiador e biógrafo dos antigos filósofos gregos, menciona (*Memorabilia Socratis*, II, 48) que Xenofonte, discípulo de Sócrates, “publicou as coisas que se diziam, havendo-as registrado com **abreviações**” (*quae dicebantur notis excepta in publicum edidit*).

E Plutarco conta que Xenofonte *recolheu as palavras de Sócrates com uma escrita, cujas abreviações consistiam em apócopies e sinais que exprimiam muitas sílabas e palavras* (399 a.C.)

Mas as palavras usadas por Plutarco e Diógenes Laércio (ipo semeíon = mediante sinais) não parecem significar, de acordo com alguns eruditos, um autêntico sistema de taquigrafia, mas, antes, anotações abreviadas.



Se considerarmos que escritores como Plutarco, historiador e biógrafo grego, e Tucídides, historiador também grego, não fizeram nenhuma alusão ao surgimento de um *sistema organizado de taquigrafia grega*, temos a maior prova de que esta invenção pelos gregos não se tenha dado.

Plutarco, de fato, reconheceu a romanidade da invenção, e Tucídides, na sua “História do Peloponeso”, escreve um trecho em que menciona *quão difícil era conservar os discursos que antes ou depois da guerra haviam sido pronunciados*”.



Se houvesse uma taquigrafia grega, dizem os estudiosos, Plutarco certamente teria falado amplamente sobre ela e Tucídides não teria insistido sobre a dificuldade de reproduzir fielmente os discursos dos oradores. Plutarco, quando fala da invenção das Notas Tironianas, menciona Cícero, romano. Segundo Plutarco, a invenção da taquigrafia teve lugar em Roma e desta cidade foi levada para a Grécia.

Embora, na Grécia, tenham florescido tantos oradores célebres, como Antifonte, Górgias, Lísias, Isócrates, Ésquines, Demóstenes, e filósofos, como Protágora, Sócrates, Platão e Aristóteles, não houve, ao que tudo indica, um “sistema organizado de taquigrafia”; e, além disso, é fato conhecido que os discursos, de estilo apurado, eram escritos antes de serem pronunciados. Passavam por uma longa elaboração. Isócrates, por exemplo, trabalhou dez anos no seu célebre discurso, o “Panegírico”.

É certo que na Grécia também tenha existido uma taquigrafia. Então, a pergunta que se faz é a seguinte: **quando** esta forma de escritura apareceu pela primeira vez na Grécia?

Um primeiro sinal da existência do uso da taquigrafia na Grécia pode ser destacado na chamada “Carta de Dionísio” (27 d. C.). Nessa carta, Dionísio, escrevendo à própria irmã Dídime, queixa-se com ela pelo fato de “*não haver recebido nenhuma carta dela, nem em caracteres comuns, nem na escrita estenográfica.*” Por esta carta parece que no primeiro século depois de Cristo existia uma escrita abreviada na Grécia. Mas tratava-se efetivamente de uma taquigrafia? Não se pode afirmar com certeza.

Só no segundo século d. C. podemos ter certeza da existência de uma verdadeira escrita taquigráfica, graças a um papiro escrito em grego e descoberto no ano 1905 em Oxyrhinchus, no antigo Egito, onde se lê:

*“Panechotes, chamado também de Panares, antigo magistrado de Oxyrhinchus, por meio do seu amigo Gemello a Apolônio, semiógrafo, saudações. Eu coloquei junto a ti Charaimmone, escravo, para aprender os signos que o teu filho Dionísio conhece, pelo período de dois anos, datando do presente mês de Phamenoth, do XVIII ano do nosso senhor Antonino César, pelo honorário estipulado entre nós, de 120 dracmas, excluídos os dias de festa, de cujo montante tu já recebeste uma primeira parcela de 40 dracmas, e receberás a segunda parcela de 40 dracmas quando o jovem tiver aprendido todo o sistema; e a terceira parcela, das últimas 40 dracmas, recebê-la-ás ao final do contrato do aprendizado, quando ele já for completamente capaz de escrever e de ler corretamente, sem erros, qualquer escrito em prosa.” “O XVIIIº ano do Imperador Tito Elio Adriano Antonino Augusto Pio, Phamenot, a saber, 15 de novembro de 155.” (Trecho extraído da tradução de Enrico Majetti, na sua obra “Disegno Storico della Stenografia, pág.13.)*

Desta forma podemos afirmar que na Grécia, nos séculos antes de Cristo, nunca tenha existido uma escritura particularmente abreviada, que fosse sistematizada e tivesse potencialidade e características taquigráficas. E isso é amplamente demonstrado exatamente pela falta absoluta de documentos comprobatórios da existência de uma verdadeira taquigrafia grega nesse período.

Exatamente o contrário acontece com a taquigrafia romana, da qual temos abundantes documentos sobre a sua existência e uso no primeiro século antes de Cristo.

Para a nossa análise, precisamos distinguir a forma abreviada de escrita comum da forma genuinamente taquigráfica. Mesmo entre os romanos, a criação de uma autêntica taquigrafia foi precedida de um período que podemos chamar de pré-taquigráfico. Neste período, desenvolveram-se abreviações da escrita ordinária e por volta do IIIº século a. C. , temos as chamadas *Notas de Quinto Ênio*, fato determinante para o desenvolvimento da taquigrafia latina.

Vem muito a propósito a tese sustentada pelo Dr. H. Boge (aluno de Arthur Mentz, renomado estudioso e historiador da taquigrafia romana e grega), ao obter, em 6 de fevereiro de 1963, o doutorado pela Faculdade Filosófica da Universidade Humboldt, de Berlim, apresentando a dissertação “Estudo sobre a antiga taquigrafia grega e sobre a prioridade da sua invenção”. Disse H. Boge: “*Não diminuem os méritos da civilização grega, se atribuirmos a invenção da taquigrafia a Roma. Não podemos esquecer o “senso prático” dos romanos, que se manifesta em outros setores, no Estado, no Direito, no Exército. Os gregos, por um lado, procuraram aperfeiçoar a escrita alfabética com a criação de sinais diacríticos; por outro lado, esforçaram-se por simplificar a taquigrafia romana, muito difícil para ser aprendida, e criaram a taquigrafia silábica. A esta última determinação de aperfeiçoamento juntaram-se também os romanos.*”

## ÊNIO E AS NOTAS ENIANAS



Isidoro, retratado por Murillo

Os romanos tinham o hábito de usar siglas. Ênio recolheu essas siglas e ordenou-as, com o intento taquigráfico. Sobre esse Ênio, temos notícia através de uma enciclopédia muito divulgada na Idade Média, *Etymologies* (Das Origenes, I, 22, *de notis interpretandis*), de S. Isidoro, Bispo de Sevilha, célebre escritor espanhol, considerado o homem mais douto do seu tempo. De acordo com o filólogo e paleógrafo berlinense Ludwig Traube, autor de *Die Geschichte der tironischen Noten bei Suetonius und Isidorus* (Berlin 1901), este trecho teria sido reelaborado de uma obra, andada perdida, de Caio Tranqüilo Suetônio (c. 70 - c. 141 d.c.): *De Viribus Illustribus*, ou antes (como agora se admite) reelaborando antigos compêndios e glossários. O trecho revela a seqüência do desenvolvimento da taquigrafia em Roma. O texto é o seguinte:

<p>“Vulgares notas Ennius primus mille Et centum invenit.</p> <p>Notarum usus erat, ut quidquid pro contione vel contentione aut in iudiciis diceretur, librarii scriberent complures simul adstantes, divisis inter se partibus, quot quisque et quo ordine exciperet.</p>	<p>“Ênio, primeiro, reuniu mil e cem notas vulgares.</p> <p>O uso das notas servia para que o que fosse dito nos discursos, nos debates ou nos tribunais vários amanuenses que se encontravam presentes registrassem, dividindo as partes entre eles, de modo que cada um recolhia quantas palavras pudesse, em uma certa ordem.</p>
---	--

<p>Romae primus Tullius Tiro, Ciceronis Libertus, commentatus est notas, sed tantum Praepositionum.</p>	<p>Em Roma, primeiro Túlio Tiro, liberto de Cícero, fez uma coletânea de notas, mas apenas das preposições.</p>
<p>Post eum Vipsanius Philargius et Áquila, libertus Maecenatis, alius alias addiderunt. Denique Sêneca, contractu omnium, digestoque et aucto numero, opus effecit in quinque milia.</p>	<p>Depois dele, Vipsânio Filárgio e Áquila, liberto de Mecenas, e outros, fizeram ainda acréscimos. Por fim, Sêneca, reunindo tudo, ordenou e aumentou as notas, chegando a cinco mil notas.</p>
<p>Notae autem dicta eo quod verba vel Syllabas praefixis characteribus notent et Ad notitiam legentium revocent.</p>	<p>As notas são chamadas assim porque registram, com signos preestabelecidos, palavras ou sílabas, facilitando a posterior interpretação.</p>
<p>Quas qui didicerunt proprie jam notarii appellantur.</p>	<p>Aqueles que as aprenderam são, por isso, conhecidos como notários.</p>

Sobre este assunto, disse o gramático Valério Probo (54-61 d.C):

*“Apud veteres cum usus notarum nullus esset, propter scribendi facultatem, maxime in senatu qui aderant scribendo, ut celeriter dicta comprehenderent, quaedam verba atque nomina ex communi consensu primis litteris notabant ut singulae litterae quid significarent in promptu era.”* (Entre aos antigos, não estando ainda em uso os signos taquigráficos, alguns, e mais especialmente aqueles que no Senado tinham o encargo de recolher rapidamente o que era discutido, anotavam algumas palavras e alguns nomes com as letras iniciais, segundo um acordo preestabelecido, pelo qual ficava claro o que aquelas únicas letras significavam.)

Como observa muito bem o Dr. Julius Zeibig, em sua obra publicada em 1863, em Dresden, *“Geschichte und Literatur der Geschwindschreibekunst”* (História e Literatura da Arte de Escrever Rápido), Ênio foi, então, o primeiro a reunir mil e cem abreviaturas vulgares, portanto não das “abreviaturas especiais”, mas simples siglas que estavam, nos primeiros tempos, em uso junto aos romanos e eram chamadas “vulgares” porque eram usadas por todos.

A obra de Ênio pode, então, ser assim resumida: preparação pré-estenográfica, de passagem da escritura ordinária às Notas, mediante a valorização e incremento de abreviações com os signos alfabéticos já em uso.

Os romanos costumavam fazer abreviações e usar siglas. Por exemplo:

“C.” = César,

I.N.R.I. = Iesus Nazarenus Rex Iudeorum

I.P.S. = In pace sepultus

MuM = Monumentum

N.L. = Non licet; Non liquet; Non longe; Numerii Libertus.

Um detalhe interessante que pode parecer estranho no escrito de Isidoro de Sevilha é o fato de que, enquanto diz “*Vulgares notas Ennius primus mille et centum invenit*” (Ênio, primeiro, reuniu mil e cem notas vulgares), acrescenta: “*Romae primus Tullius Tiro Ciceronis libertus commentatus est notas sed tantum praepositionum*” (Em Roma, primeiro Túlio Tiro, liberto de Cícero, fez uma coletânea de notas, mas apenas das preposições.).



Louis Prosper Guénin

Alguns críticos, entre os quais Louis Prosper Guénin, consideram, baseados na suposta contradição de S. Isidoro, que o Ênio citado não devia ser romano, mas grego. (Louis Prosper Guénin, “Histoire de la Sténographie dans l’antiquité et au moyen age” – Paris 1908).

Outros críticos, no entanto, são de opinião de que o trecho de S. Isidoro, relativo a Ênio, não pode certamente constituir uma prova indiscutível da sua nacionalidade estrangeira.

De fato, mesmo admitindo que o Ênio citado por Isidoro de Sevilha fosse grego, ele teria desenvolvido a própria obra em Roma e a favor da língua latina, pois caso contrário não teria sido citado por S. Isidoro num capítulo onde fala exclusivamente da taquigrafia romana. De modo que, mesmo neste caso, o autor deveria ter dito, então, que Túlio Tiro foi o *segundo* a contribuir para o surgimento das Notas taquigráficas romanas e não o *primeiro*, como escreveu.

O que podemos deduzir é que as Notas de Quinto Ênio não tenham representado um verdadeiro sistema de taquigrafia, mas uma simples coleção de mil e cem abreviações da escrita ordinária. Em outras palavras, é provável que Quinto Ênio se tenha dedicado à tarefa de coordenação das abreviações latinas já existentes, aumentando-as até alcançar o número de mil e cem, aperfeiçoando-as de modo a torná-las mais uniformes, a fim de melhor servir ao fim a que deveria se prestar: o apanhamento dos discursos.

Desta forma se explicaria perfeitamente como S. Isidoro pudesse se referir a Ênio como o *primeiro* a contribuir decisivamente para o surgimento e para o desenvolvimento de uma escrita de caráter taquigráfico, enquanto ficaria claríssimo o motivo pelo qual Tiro tenha sido o *primeiro* em Roma – como inventor de uma verdadeira taquigrafia.

Interessante notar que as abreviações de Quinto Ênio eram chamadas de “vulgares notae”, isto é, “abreviações da escrita comum”, enquanto que os signos especiais de abreviações estenográficas eram chamadas de “notae compendiariae”. A palavra latina “compendarius” significando “sumário, breve, o caminho mais curto, o atalho”.

Podemos, então, resumir, do que foi exposto acima, que Ênio foi o primeiro inventor das abreviações vulgares (simples abreviações da escrita ordinária), o primeiro a ter contribuído para o surgimento e o desenvolvimento da taquigrafia romana.

O mérito de Quinto Ênio nunca será por demais louvado. Seu trabalho de colecionar abreviaturas foi decisivo para o advento das Notas Tironianas. Ele preparou o terreno. Ao coletar e dar uso prático às abreviações vulgares, ele não fez outra coisa senão estimular a criatividade de outros, no sentido de idealizarem um sistema mais organizado, mais amplo, com abreviaturas mais concisas, que fossem mais eficientes no apanhamento dos discursos. Neste sentido, a coletânea de abreviaturas de Quinto Ênio foi a semente do que viria a ser um verdadeiro sistema organizado de taquigrafia: as Notas Tironianas.

O que hoje chamamos de estenografia (do grego *stenós*, estreito, conciso, e *grafé*, escrita), teve tal nome *no começo do séc. XVII*, e era chamada pelos antigos, mais apropriadamente, taquigrafia (*tachús*, rápido), semiografia (*semeíon*, signo), ou simplesmente *notae*, de onde a denominação de notário a quem assim escrevia.

## AS NOTAS TIRONIANAS

Se no terceiro e no segundo século a.C. se desenvolveram as abreviações da língua latina, só no último século a.C. surge uma autêntica taquigrafia, usada para recolher a palavra dos oradores. Roma prepara-se para ser um Império, submete povos ao seu domínio, anexa territórios, o seu poder torna-se a cada dia maior. As condições sócio-político-culturais em Roma são fatores essenciais que vão desencadear o surgimento de uma autêntica taquigrafia no último século a.C.

Talvez baseados na frase célebre de Horácio (Epístulas, 2.1.156), “*Graecia capta ferum victorem cepit, et artes intulit agresti Latio* (A Grécia, subjugada, subjugou o seu selvagem conquistador, e introduziu as artes no agreste Lácio.) e em outros dados, alguns historiadores, como Guénin, acreditavam que os romanos haviam aprendido com os gregos as abreviações taquigráficas. Kopp, após minucioso estudo comparativo, chegou à conclusão de que as Notas Tironianas não tiveram uma origem grega, embora admita que alguns signos possam ter sido adotados dos gregos. Segundo Kopp, tal fato não é de admirar, já que os taquígrafos romanos estavam acostumados a usar o seu sistema de taquigrafia para taquígrafarem tanto em latim quanto em grego.

Vários estudiosos se ocuparam e escreveram obras sobre a taquigrafia dos romanos. Uma das obras mais notáveis foi a de Ulrich Friderick Kopp, em quatro volumes. Thomas Anderson (History of Shorthand) qualifica a obra de Kopp como “um trabalho maravilhoso, um oceano de brilho paleográfico, agradável pela sua erudição, seu estilo e suas ilustrações”.

E acrescenta Thomas Anderson: “*The Roman stenography, he shows, was not so much the offspring of theory as of practice, and that it was built up not according to any preconceived plan, but more probably framed and developed in an improvised manner, and by many hands. No man ever did, or ever could, sit down and plan such a system as that. It was, as he proves, a gradual creation; an art as well as a science. And actual and constant practice side by side with well-considered attempts to adapt the most ingenious of theories with the unyielding exigencies of the case, were indispensable factors in its formation.*” (A estenografia romana, ele (Kopp) mostra, foi mais fruto da prática que da teoria, e foi construída, não segundo um plano preconcebido, mas mais provavelmente concebida e desenvolvida de maneira improvisada, e por muitas mãos.

Homem nenhum teria podido criar ou planejar um sistema como esse. Foi, como ele prova, uma criação gradual. Uma arte e uma ciência. E foram fatores indispensáveis para a sua formação, uma prática constante e efetiva, lado a lado com tentativas bem concebidas para adaptar a mais engenhosa teoria às rígidas exigências das circunstâncias.)

O primeiro sistema organizado de taquigrafia surge em Roma, por obra de Marco Túlio Tiro. Não temos nenhuma notícia sobre a época exata na qual essas Notas (Abreviações) surgem e venham a ser usadas na prática.

Segundo o historiador Gustav Sarpe (*Prolegomena ad Tachygraphiam Romanam*, Rostochii, 1829, pág. 116), a primeira tomada estenográfica teria ocorrido por ocasião de uma oração de Cícero contra Verres, em 70 a. C.

Outra teria tido lugar, de acordo com Karl Faulmann, no dia 8 de novembro de 63, por ocasião da primeira Catilinária. Este historiador argumenta com o fato de encontrar-se, na coletânea das Notas, uma sigla (que não se teria podido formar e conservar a não ser posteriormente) para a famosa frase “Quousque tandem abutere, Catilina, patientia nostra?” (Até quando, Catilina, abusarás da nossa paciência?).

Este fato evidencia que já estaria em uso o recolher estenograficamente os discursos.

**Locuções em Notas Tironianas. Ver o penúltimo taquigrama: “Quousque tandem...”**

	populo plebique romano		secundum rerum naturam		Commentario VI in regno nostro
	decemviri legibus iudicandis		extra rerum naturam		sanctissimo domino
	quindcemviri satisfaciendi		totus orbis		fratri in Christo
	Commentario II		totus orbis terrarum		quorum nomina separationis subter tenentur inserta
	sine dolo malo		sine ulla funebris pompa		Hic finem faciunt notas
	dolus malus abesto		vir magnificentissimus		• • •
	quousque tandem abutero Catelena patientia nostra		vir clarissimus		• • •
	quorum nomina subter tenentur inserta		contra statuta maiorum		• • •
	optime de republica populi romani meritis		vobis audientibus		• • •
	pessime de republica populi romani meritis		vobis praesentibus		• • •
			vobis absentibus		quorum nomina vel signacula subter tenentur inserta
			vobis absentibus		quorum nomina vel signacula subter tenentur inserta



**Cícero pronuncia no Senado a primeira Catilinária  
(Afresco de Cesare Maccari – Roma, Palazzo Madama)**

Temos, finalmente, em 5 de dezembro de 63, uma manifestação **oficial**, de que nos dá notícia Plutarco, num trecho da sua “Vida de Catão Uticense”, onde diz, a propósito do discurso com o qual Catão soube convencer o Senado a pronunciar a condenação capital contra Catilina e seus conjurados: **foi organizado um serviço de taquígrafos (notários).**

Nesta sessão, o Senado devia decidir a sorte dos conjurados de Catilina, descobertos e presos, e Júlio César havia proposto para eles a pena de exílio perpétuo, mas o enérgico, eloqüente e obstinado discurso de Catão induz o Senado a deliberar pela condenação à pena de morte.

Plutarco narra, na sua história de Catão Uticense (Vida dos Homens Ilustres Gregos e Romanos), *“que este discurso de Catão (contra Catilina) foi conservado porque o cônsul Cícero dispôs aqui e ali, no plenário, velocíssimos escreventes (amanuenses) e instruiu-os para que registrassem os discursos com certos signos pequenos e breves, os quais tinham força de muitas letras. Dizem que essa foi a primeira demonstração dessa forma de escrever.”*

Esta é uma das provas mais importantes sobre a absoluta romanidade da origem das Notas Tironianas. De fato, se existisse, antes da taquigrafia romana, uma grega, Plutarco não teria deixado de dizer e muito menos teria afirmado que *“essa foi, então, a primeira demonstração dessa forma de escrever”*.

O serviço taquigráfico para a tomada do discurso de Catão constitui-se no *primeiro departamento taquigráfico parlamentar* que a História registrou. Foi, portanto, organizado por Cícero, e é de considerar-se, por certo, que o próprio Tiro tenha estado entre aqueles “velocíssimos escreventes” (cerca de quarenta), que pela primeira vez no mundo deviam fixar a palavra de um orador.



Marco Túlio Cícero

Sobre a participação de Cícero, assim se expressa Giuseppe Aliprandi, no artigo *Il primo Gabinetto stenografico parlamentare* (Rivista Sapere, Milão, 30 de novembro de 1937-XVI):

*“E se explica perfeitamente o interesse de Cícero. Catilina havia sido seu adversário feroz, de forma que Cícero tinha interesse em extrair, daquela sessão, não um pálido resumo, mas uma documentação precisa, que só a taquigrafia é capaz de conseguir. Daí a mobilização de “rápidos escreventes”, hábeis taquígrafos, peritos nas tais “Notas Tironianas”.*

A conjuração de Catilina foi frustrada por Cícero, e foi grande o reconhecimento do Senado romano pelo Arpinate (esta era a alcunha de Cícero, por ter nascido em Arpino).

“Aurélio Cotta propôs, por causa disso, uma festa de agradecimento em honra de Cícero (recompensa concedida, até então, apenas aos generais vitoriosos), com uma motivação lisonjeira: *porque ele havia salvado Roma de incêndios, os cidadãos de uma carnificina e liberado a Itália da guerra.* A proposta foi aprovada por aclamação. Era a primeira vez que uma honraria semelhante era conferida a um magistrado de toga. Quinto Lutácio Catulo, em plena sessão do Senado, qualificou Cícero com a denominação de “pai da pátria” (MAFFIO MAFFII, *Cicerone e il suo dramma político*).

Depois da tomada estenográfica do discurso de Catão, é certo que o uso da taquigrafia se difunde sempre mais. Asconio Pediano conta que o discurso de Cícero “Pro Milone” (52 a.C.) foi taquigrafado.

Foram taquigrafadas, de igual forma, em 44-43, as Filípicas de Cícero e, em 15 de março de 44, o discurso pronunciado por Marco Antônio diante do cadáver de Júlio César. Já este havia, desde 59, estabelecido que as discussões no Senado fossem registradas por taquígrafos para a publicação das “Acta Senatus”. Este foi, inclusive, um dos fatores a incrementar a prática da taquigrafia.

Passados onze anos do primeiro apanhamento taquigráfico, as Notas Tironianas haviam sofrido um desenvolvimento tal que a tomada de discursos pronunciados no Foro e no Senado devia acontecer de modo contínuo e normal.

Isto prova, além do mais, no dizer de Mario Canale, em seu livro “La Stenografia risorta ad arte romana”, que *“a única alusão de Plutarco a uma escrita veloz deve ter sido feita para aludir a uma arte efetivamente nova, e que, pela primeira vez, dava uma demonstração prática do seu uso e da sua importância”.*

É importante salientar que tanto o trecho de Plutarco quanto o de S. Isidoro foram comentados e discutidos de várias maneiras. Mas há algo com que todos concordam, e aparece claro nos textos, que Cícero foi o promotor do uso público da taquigrafia em Roma e que Marco Túlio Tiro teve o mérito de uma importante reforma das Notas.

A importância da obra de Tiro foi a de ter feito uma espécie de sistema e de ter propiciado a possibilidade de taquigrafar sozinho, como podemos depreender do trecho de Plutarco, onde é dito que os taquígrafos eram distribuídos pelo Senado, enquanto

antes os que usavam as Notas de Ênio deviam escrever “complures simul adstantes”, isto é, coletivamente e com meios primitivos, como sugerem Valério Probo e S. Isidoro.

Um ponto a ressaltar é que junto aos romanos as traduções das tomadas taquigráficas eram particularmente acuradas, e quando o trabalho resultava incompleto ou falho, preferia-se evitar a publicação integral, segundo referem as palavras de Sêneca em *Apocolocyntosis Claudii Caesaris, Ludus de Morte Claudii Caesaris*.

Por outro lado, o trabalho dos taquígrafos era disciplinado por regulamentos rígidos e toda transgressão era severamente punida.

Assim, em Elio Lamprido, lemos *Alessandro Severo*: “Eum notarium, qui falsum causae breve in consilio imperatoris retulisset, (Severus) incisus digitorum nervis, ita ut nunquam posset scribere, deportavit.” (Àquele taquígrafo, que havia transcrito uma pequena falsidade na tradução das discussões do Conselho Imperial, Severo, depois de mandar cortar-lhe os tendões, de modo a que não pudesse mais escrever, o fez deportar.)

Um ponto a considerar é que as Notas Tironianas não eram apenas uma simples coletânea de abreviações, mas, sim, um conjunto orgânico, onde as partes se harmonizavam com o todo.

Giuseppe Aliprandi afirma que “as Notas Tironianas são indubitavelmente um sistema abreviativo segundo critérios gramaticais. As palavras de fato são abreviadas de modo diverso, diferindo as palavras simples das palavras compostas: no primeiro caso, há uma posição distinta da desinência, no segundo caso, do prefixo.

Podemos afirmar que as Notas foram um sistema taquigráfico orgânico, que se desenvolveu em Roma, quando se fez sentir a necessidade de uma escrita não apenas abreviada, mas veloz, que pudesse captar a palavra dos oradores.”

A História relata ainda sobre alguns personagens que ajudaram a aumentar as abreviações tironianas, como Áquila, liberto de Mecenas, e também Vipsanio Filargio, um provável liberto de Agripa.

Sabemos, por Aulo Gélio e por outros, que Tiro era uma autoridade no campo lingüístico e, portanto, absolutamente capaz de criar uma síntese gráfica e científica relacionada à língua latina.

Escreve a este propósito F. Tedeschi, em *L'arte della Stenografia*, pág. 15, 2ª edição, Turim, 1874: “Tiro foi o primeiro a ter a louvável idéia de reunir os vários meios abreviativos e as várias abreviações, de que costumavam se servir, em seu tempo, os romanos. Regulando-as numa única regra, adaptando-as a uma única medida e critério, formou aquilo que deve ser um verdadeiro sistema estenográfico, pois que apenas pode ser chamado com tal nome, um sistema em que todas as partes se harmonizem entre si e com o todo”.

Há alguns historiadores que acham ter sido o próprio Cícero o autor das Notas Tironianas. Mas, como disse o Carpentier, “*si notarum inventor esset Cicero, debita illum laude non defraudasset Plutarchus, sed ne Cicero ipse id aliis commemorandum reliquisset*”. (Se Cícero tivesse sido o inventor das Notas, Plutarco não o teria privado dos devidos louvores, nem o próprio Cícero teria deixado a outros a tarefa de recordar o fato.)

A este propósito diz Gabelsberger: “*De tudo isso, todavia, não se pode deduzir que a inteira criação da escrita com abreviaturas dos Romanos deva ser atribuída apenas a Cícero, mas deveria, com muita maior probabilidade, ter sido obra do incansável Tiro, uma obra executada segundo os desejos do seu patrão e de tê-la levado a tal grau de perfeição, a ponto de poder registrar com segurança, e palavra por palavra, os discursos que se pronunciavam no Senado, onde Cícero era membro efetivo, enquanto Tiro tinha o cargo de chefe de outros funcionários, como redator encarregado de compilar os registros das sessões.*”

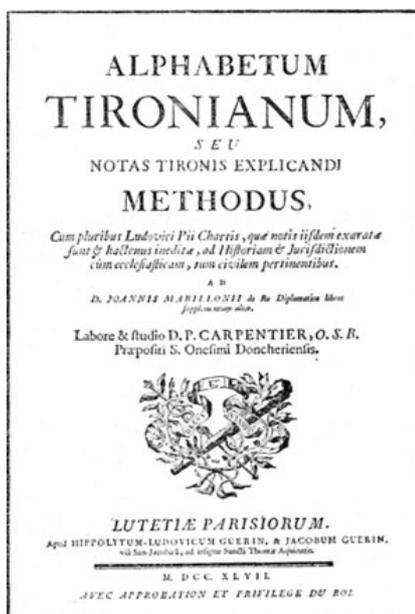
É importante ressaltar também, em relação às origens desta escrita veloz, o que disse Pierre Carpentier, no prefácio da sua obra “Alphabetum Tironianum, seu Notas Tironis Explicandi Methodus (1747)” : “*Modo id confesso sit, nec uno tempore, nec eodem auctore inventas (notas) fuisse*”. (É indiscutível que as Notas não foram inventadas nem em uma só época, nem por um só autor.)

Dom Pierre Carpentier, beneditino, prior de Donchery, foi um dos primeiros a tentar compreender as Notas Tironianas. Ele se baseou no trabalho preliminar de Jean Gruter, filólogo e historiador belga. Gruter publicou, em 1602 uma coletânea de 13 mil Notas Tironianas, como apêndice à obra “Inscriptiones antiquae totius orbi romani”.



Jean Gruter

O Carpentier, na verdade, apenas retoma e corrobora o que havia dito S. Isidoro de Sevilha: “*Post eum (Tiro) Vipsanius Filargius et Áquila, libertus Maecenatis, alius alias addiderunt. Deinde Sêneca, contracto omnium digestoque et aucto numero opus effecit in quinque milia prolatum*” ( Depois dele (Tiro), Vipsânio Filárgio e Áquila, liberto de Mecenas, e outros, fizeram ainda acréscimos. Por fim, Sêneca, reunindo tudo, ordenou e aumentou as Notas, chegando a cinco mil Notas.)



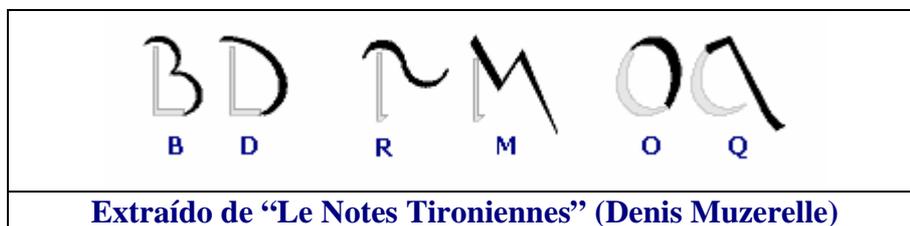
Frontispício do Carpentier

### UM PEQUENO RESUMO

Resumindo a trajetória da taquigrafia romana, podemos dizer que no século 2º a.C., um Ênio reuniu e ordenou as abreviações comuns, ou “*notae vulgares*”, possibilitando uma estenografia *coletiva*. Em 70 a.C., Marco Túlio Tiro, inspirando-se nas abreviaturas gregas e com o auxílio de Cícero, simplificou as Notas Enianas, idealizou novos expedientes abreviativos, de modo a criar um método que possibilitava taquigrafar *individualmente*, e que foi posto em prática publicamente pela primeira vez em 63 a.C., no Senado.

Depois dele, outros estudiosos e peritos na matéria (entre os quais Vipsânio liberto de Agripa, e Áquila liberto de Mecenas), estabeleceram as abreviações por elementos agregados, especialmente desinências das flexões nominais e verbais.

Em seguida, Sêneca fez outros acréscimos e deu um ordenamento definitivo a toda prática taquigráfica.

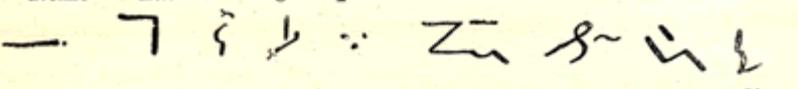


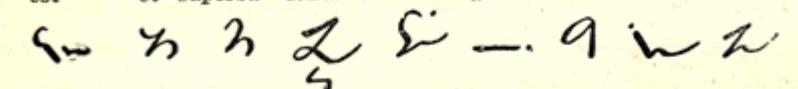
**Extraído de “Le Notes Tironiennes” (Denis Muzerelle)**

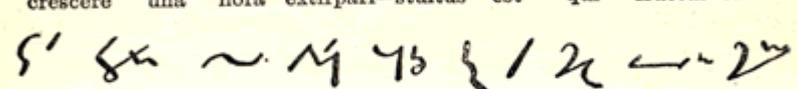
Notas Tironianas – do livro “History of Shorthand”, de Thomas Anderson.

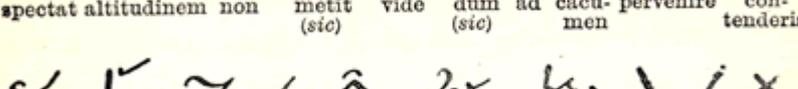
50 HISTORY OF SHORTHAND.

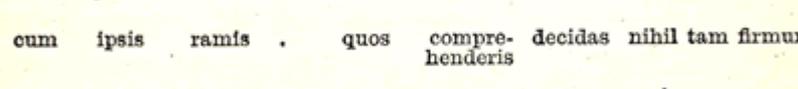

  
 Nemo fideliter diligit quem fastidit nam et calamitas querula

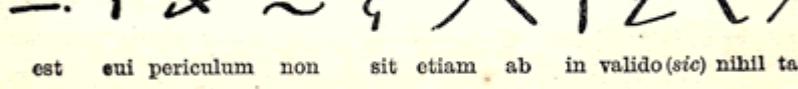

  
 est et superba felicitas non ignores arbores magnas diu

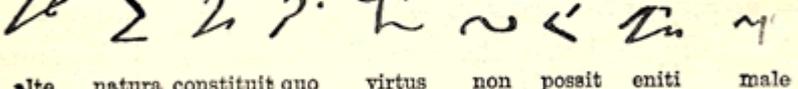

  
 crescere una hora extirpari—stultus est qui fructus earum

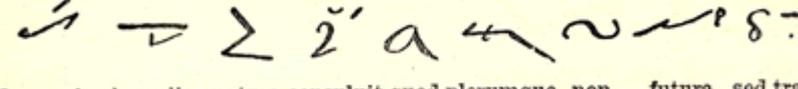

  
 spectat altitudinem non metit vide dum ad cacu-pervenire con-  
(sic) (sic) men tenderis

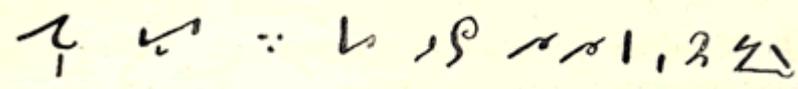

  
 cum ipsis ramis . quos compre- decidas nihil tam firmum  
henderis


  
 est cui periculum non sit etiam ab in valido (sic) nihil tam


  
 alto natura constituit quo virtus non possit eniti male


  
 humanis ingeniis natura consuluit quod plerumque non futura sed trans


  
 acta (sic) perpendimus Inter obsequia fortuna in cauta mortalitas


  
 est Perpetuum malum regis (sic) adulatio quorum opes scepius


  
 adsentatio quam hostis evertit Hominem conse- aliquando nunquam  
quitur

## MARCO TÚLIO TIRO

Tiro, filho de uma escrava romana, nasce em Arpino, na propriedade do cavaleiro romano Marco Túlio Cícero, pai do grande orador.

Certamente Tiro deve ter demonstrado, desde sua infância, uma inteligência invulgar, de modo que, ao invés de ser colocado entre os escravos comuns, acharam por bem educá-lo de modo especial, talvez com a intenção de torná-lo um escravo leitor (*anagnostes*, escravo cuja função era ler para os romanos ricos, durante as refeições), ou talvez um amanuense (*servus ab epistolis*, espécie de secretário).

Muito se especulou sobre o método de estudo que foi usado por Tiro. Segundo Mario Canale, (*La Stenografia Risorta Ad Arte Romana*), “*parece certo que, querendo dar uma educação a este escravo, os patrões o tenham posto sob os cuidados de um “phonascus”, sendo muito provável que ele, sendo quase coetâneo dos filhos de seu patrão, tenha participado das lições que eram ministradas a eles*”. Um “phonascus” era o “que ensinava a moderar a voz, o mestre da pronúnciação, mestre de canto e declamação”.

Há alguns estudiosos que admitem a hipótese avançada de que Tiro tenha sido aluno de Cícero. Baseiam-se em dois trechos. O primeiro, de Aulo Gélcio (*Noctes Atticae*): “*Tullius Tiro M. Ciceronis alumnus et libertus, adiutorque in litteris studiorum eius fuit*”. (“Túlio Tiro, aluno e liberto de Cícero...”) O segundo trecho refere-se a uma carta de 6 de novembro de 50, de Cícero a Tiro, que diz: “*Tu, si nos omnes amas, et praecipue me, magistrum tuum, confirma me*” (Peço-te tranquilizar-me, pelo amor que tu dedicas a todos nós, e especialmente a mim, teu mestre.).

Os dois trechos, no entanto, não são uma prova cabal de que Tiro tenha estudado sob a direção de Cícero, mas denota apenas que Cícero o tenha conduzido aos estudos maiores. Até o Paul Gottfried Mitzschke (*Quaestiones Tironianae*, Berlin, 1875) é desta opinião. De fato, ele diz:

“*Ele (Tiro) começou os seus estudos sob a direção de um pedagogo ou “phonascus”, mas tendo o velho Cícero fincado longa permanência em Roma, por volta do ano 96, com dois filhos, Marco e Quinto, é provável que Tiro os acompanhasse e assistisse às lições que o orador Crasso, o poeta Áquias e outros davam aos seus jovens patrões. O que é certo é que Tiro foi educado junto com seu futuro patrão, neste momento ainda muito jovem.*”

Transferindo-se, então, de Arpino para Roma, Tiro continuou os estudos. E o seu talento, junto com seu ótimo caráter, fizeram, sim, que logo, mais do que escravo, se tornasse o amigo dos Cíceros e, de modo particular, de Marco Túlio.

O afeto entre os dois homens foi realmente grande, fraterno. Cícero, nas suas cartas, não hesita em chamá-lo de “suus” (seu), ou seja, usando o mesmo termo empregado por ele unicamente para a mulher e para a filha.

De 79 a 77, Cícero faz uma viagem de estudo na Grécia e na Ásia, e é provável que Tiro o tenha acompanhado. Em 68 morre o pai de Cícero e este se torna, assim, o senhor legal de Tiro, fato este que contribuiu para reforçar ainda mais a amizade existente entre os dois homens.

Com muita probabilidade, foi nessa época que Tiro começou os seus estudos para a criação de um sistema de escrita abreviada, que permitisse registrar as palavras dos oradores – criação esta que seria uma grande ajuda a Cícero, seja na vida profissional, seja na vida pública.

**E em 63 a.C. temos, então, a primeira tomada estenográfica oficial**, da qual fala Plutarco.

Em 54, Cícero dá a liberdade a Tiro e, segundo o costume romano, este, por gratidão ao libertador, assume o seu nome, mantendo o próprio nome como sobrenome.

Pela metade do ano 51, na condição de procônsul, Cícero foi para a Sicília, e Tiro foi com ele.

“Tanto trabalhou (Tiro) durante o governo da Sicília, (diz Gaston Boissier, em *Cicerone e i suoi amici*), que Cícero foi obrigado, em seu retorno a Roma, a deixá-lo em Patras, aos cuidados do médico Asclapo. Cícero continuou, então, a viagem para Roma.

Das cartas que Cícero enviou a Tiro, durante a sua recuperação em Patras, podem-se ver claramente os profundos sentimentos que ligavam o grande orador ao seu fiel liberto. Durante todo o tempo em que Tiro ficou em Patras, doente, Cícero escreveu-lhe duas e até três cartas por dia.

Este hábito de escrever mais de uma carta por dia a alguém não era algo fora do comum. Até Ático freqüentemente recebia duas ou três cartas por dia de Cícero. Era um hábito intimamente ligado à vida daquele tempo. A carta não tinha só a finalidade de dar notícias de cunho pessoal a alguém, mas também a de dar notícias dos acontecimentos políticos, das próprias idéias, e, em geral, contar tudo que acontecia em Roma a pessoas que estavam distante. Hoje, para nos informar, temos os jornais, os rádios, a televisão, mas naquela época, a carta era o único meio para alguém ficar ao corrente dos acontecimentos políticos e privados.

O hábito de escrever várias cartas por dia para uma mesma pessoa pode ser comparado ao hábito que se tem, hoje em dia, de enviar vários e-mails por dia para a mesma pessoa.

Era arraigado o costume de escrever várias cartas por dia, pelo que podemos depreender deste trecho de Cícero em uma de suas cartas a Tiro: *“Acrescentarei às duas cartas que hoje te escrevo, esta terceira, mais para conservar o costume usado do que porque tivesse algum assunto para te escrever.”*

Em outra carta, Cícero escreve, ainda: *“Não permita que ninguém venha à Itália sem duas cartas, da mesma forma que eu te escrevo, aproveitando todos os mensageiros que vão a Patras”*.

A consideração de Cícero por Tiro revela-se em todas as suas cartas. Assim, em uma dessas, ele diz a Tiro: *“Os meus estudos, ou melhor, os nossos estudos, tornaram-se infrutíferos, devido à tua ausência. Pompeio, aqui presente me pede docemente que eu lhe mostre alguma composição: e eu lhe respondo que a minha inspiração está seca, porque tu não estás aqui.”*

É esta a demonstração mais palpável do que devia ser o trabalho de Tiro. Ele era, certamente, mais do que o secretário de escrita veloz, o conselheiro digno de confiança que ajudava a Cícero no próprio trabalho. E o prova ainda mais as palavras de Cícero contidas em uma outra carta: *“Mas sabes do que eu me maravilho? Que tu, que costumemente corrige os meus escritos, tenhas deixado escapar da tua pena semelhante modo de dizer...”*

Portanto, como está manifestamente demonstrado nas cartas de Cícero, Tiro não é o escravo que soube fazer-se querido pelo patrão, a ponto de tornar-se a pessoa de confiança, mas antes o estudioso que soube fazer-se apreciar por um homem de indiscutível valor, que foi Cícero, a ponto de tornar-se um elemento indispensável na sua vida.

Superada a doença, que o havia obrigado a permanecer em Patras, Tiro juntou-se novamente a Cícero, e ambos se deslocam para a Grécia, devendo Cícero seguir Pompeu. Na Grécia, eles permanecem até o ano 47 a. C.

Em 46, sabemos que Tiro foi enviado por Cícero para encontrar, em Tuscolana, seu genro Dolabela, que retornava com César vitorioso da guerra africana.

Pouco tempo depois Tiro cai novamente doente e é confiado, por Cícero, aos cuidados do médico Metrodoro.

Convalescente, Tiro se dirige à casa de campo Tuscolana, de Cícero, onde, entre outras coisas, reordena a biblioteca. E teria compilado o catálogo, se isto não tivesse sido proibido por Cícero. *“Arrume os livros em perfeita ordem – diz uma de suas cartas – o inventário tu farás quando Metrodoro consentir. Porque se desejas viver segundo o seu conselho...”*

Ao que parece, Tiro dedicou os momentos de ócio a compor uma tragédia ou a traduzir para o latim uma de Sófocles.

Em maio de 45, Tiro restabelece-se, tanto que ele fica por um dia fora da casa de campo, para assistir a um combate entre gladiadores, e isto foi causa de severas repreensões da parte de Cícero.

Em 17 de maio de 45, Cícero vai à casa de campo para encontrar Tiro, que já estava tão restabelecido, a ponto de poder pegar taquigraficamente a correspondência de Cícero e em seguida traduzi-la.

Depois da morte de Cícero, Tiro dedicou o seu tempo aos estudos e a perpetuar a memória do seu mestre e amigo. De fato, ele juntou todas as obras de Cícero, comentou-as e publicou-as. Entre estas, as cartas de Cícero que ele reuniu e uma coleção de breves composições poéticas em três volumes. Escreveu uma biografia de Cícero, em quatro volumes. Também escreveu vários livros sobre o uso da língua latina e uma grande obra de caráter enciclopédico, intitulada “Questões Várias”, ou “Pandectas”. Muito provavelmente foi nesta obra que ele deve ter falado sobre o seu sistema de Notas taquigráficas.

Diz Isidoro Carini, em *La pubblicazione de' libri nell'antichità*, a propósito de Tiro: *“O servo pagou o afeto com uma devoção constante e ilimitada. Apesar da saúde fraca, viveu mais de cem anos, e pode dizer-se que uma vida tão longa foi toda vivida a serviço do seu senhor. Finalmente, incumbiu-se de produzir excelentes edições das Orações, muito consultadas no tempo de Aulo Gélcio.”*

É mesmo desagradável saber que nenhuma das obras de Tiro tenha chegado até nós, pois com elas poderíamos melhor compreender toda a agudeza do seu engenho, toda a amplitude da sua criatividade.

A figura de Tiro é verdadeiramente grande. Albert Navarre (que publicou em Paris, em 1909, a “Histoire générale de la Sténographie”), por ocasião de uma esplêndida conferência sobre o bimilenário das Notas Tironianas, assim se expressa a respeito de Tiro:

*“...ce bimillénaire destiné à glorifier l'invention d'un humble fils de la terre latine aujourd'hui plus célèbre que nombreux proconsuls de la Rome antique”*.(...este bimilenário destinado a glorificar a invenção de um humilde filho da terra latina, hoje mais célebre do que numerosos procônsules da Roma antiga.)

Do Iº ao VIIIº século, o nome de Tiro é citado freqüentemente por muitos escritores de renome, não só como o inventor das Notas taquigráficas, o historiador de Cícero e o colecionador das suas obras, mas também como um filósofo e gramático de indubitável fama.

Plutarco, que teve certamente a possibilidade de ler as obras de Tiro, citou numerosos epigramas que, com toda probabilidade, devem ter sido tirados da coletânea

publicada por Tiro. Tiro é frequentemente citado por Plutarco como uma fonte de indiscutível seriedade e exatidão. Plutarco, narrando a morte de Cícero, alude à história da sua vida, escrita por Tiro, e a esta se refere ainda em outras passagens.



**Marco Fábio Quintiliano**

Também Quintiliano, renomado escritor e professor de Retórica na Roma Antiga, nas suas “Instituições Oratórias”, fala em Tiro, louvando-o pelo que ele fez em favor das obras de Cícero, a fim de que não fossem perdidas.

Mas quem mais faz referência a Tiro e suas obras é Aulo Gélíio, escritor erudito, crítico literário e gramático latino. No Capítulo IX do Livro XIII das suas “Noites Áticas”, ele fala de Tiro e dos seus estudos. *“Túlio Tiro – diz Aulo Gellio – aluno e liberto de Cícero, foi o colaborador deste nos trabalhos literários. Ele nos deixou várias obras sobre o uso e o espírito da língua latina e sobre várias outras matérias. Uma das suas obras mais apreciadas é aquela que leva o título de Pandectae, um repertório de toda espécie de ciência e conhecimento.”*

No Cap. III do Livro VII, diz Aulo Gélíio a respeito de Marco Túlio Tiro: *“Tiro autem Tullius, M. Ciceronis libertus, sane quidem fuit ingenio homo eleganti, et haud quaquam rerum litterarumque veterum indoctus.”* (M.T. Tiro, liberto de Cícero, foi certamente um homem culto e versadíssimo no conhecimento da literatura antiga.)

Em outros trechos, as citações de Aulo Gélíio, referentes a Tiro, demonstram o grau de consideração a ele dispensado. No livro XV, no Capítulo VI, Aulo Gélíio escreve: *“No segundo Livro da sua Obra “De Gloria”, Cícero comete um erro, pouco grave, mas evidente. Não é necessário, para notá-lo, ser erudito; basta ter lido o sétimo livro da Ilíada. Porém, o que me admira não é propriamente que Cícero tenha cometido esse erro, mas, sim, que esse erro não tenha sido notado e corrigido mais tarde, nem por ele, nem por Tiro, seu liberto, um homem tão diligente e tão cuidadoso das obras do seu patrão.”* (O erro consistiu em Cícero, citando um trecho da Ilíada, ter atribuído a Ajax palavras e atos que deviam ser atribuídas a Heitor.)

De modo que são inúmeros os testemunhos irrefutáveis de autorizados escritores latinos, que contribuíram para pôr em relevo e engrandecer ainda mais a figura deste inteligente liberto, Tiro, cuja obra, ainda hoje, há mais de dois mil anos de distância, causam em nós, verdadeiramente, uma notável impressão.

Marco Túlio Tiro pode ser exaltado como uma das mais nobres figuras daquela época gloriosa de Augusto.

## IMPORTÂNCIA, DESENVOLVIMENTO E DECADÊNCIA DAS NOTAS TIRONIANAS

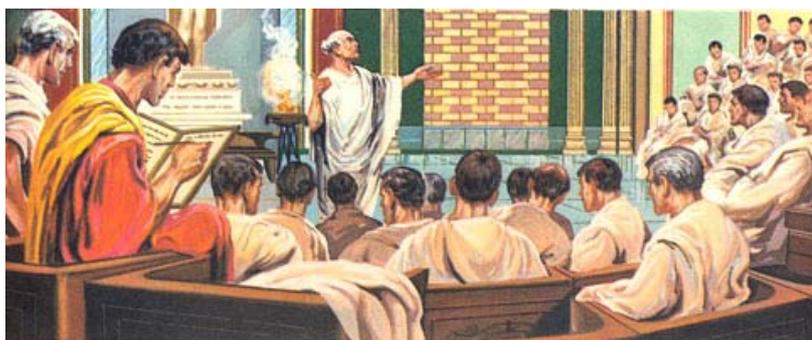
As Notas Tironianas tiveram uma grande penetração na vida pública e privada dos romanos. A sua expansão começou no último século a.C., exatamente no século em que elas foram criadas.

Não podemos esquecer que enquanto as elevadas condições político-culturais dos romanos haviam contribuído para o surgimento desta forma de escrita, foram exatamente estas mesmas determinantes condições que facilitaram e tornaram até mesmo indispensável a introdução e a difusão desta escrita na vida pública e privada dos romanos.

O uso das Notas foi, sem dúvida alguma, taquígráfico, no verdadeiro e próprio sentido da palavra; fato que confirma a eficiência do Sistema, tendo-se em conta que os meios de escrita de então (a grafia comum) certamente impediam a rapidez do traçado das letras, um inconveniente que precisava ser ultrapassado usando-se uma escrita abreviada mais contraída e a mais veloz possível.

De acordo com o testemunho dos primeiros escritores, podemos saber que os taquígrafos de então usavam tábuas enceradas, sobre as quais escreviam os signos, por meio de um estilete. Estas tábuas eram feitas geralmente com material resistente, como o marfim ou o tronco de faio. Uma pequena borda, de espessura maior do que a da tábua, circundava a superfície, sobre a qual era colocada a camada de cera, cera esta que era, depois, alisada. Várias tábuas podiam ser unidas entre si, com cordinhas ou tiras de pergaminho, dispostas à guisa de dobradiça, formando, desta forma, um livro com certo número de páginas, chamado *caudex* ou *codex*.

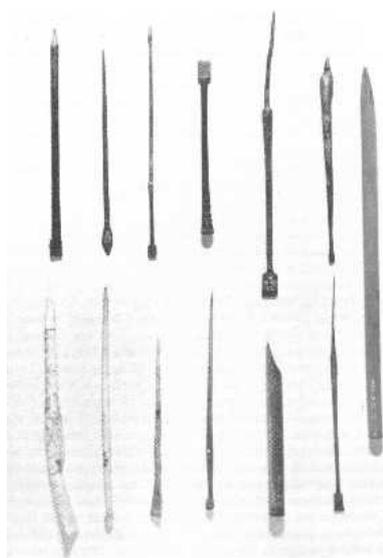
Sobre as tábuas se escrevia com o estilete, usando a parte pontuda, enquanto que a outra parte, em forma de espátula, servia para aplanar a cera, cancelando, com isso, o que estava escrito na tábua, para que a tábua pudesse ser usada novamente.



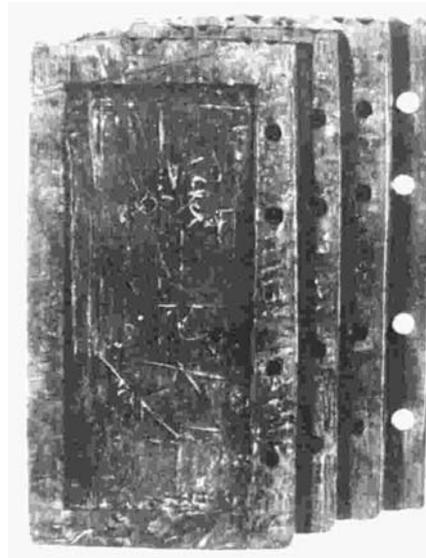
Taquígrafos, usando as Notas Tironianas, revezavam-se para taquígrafar, com uma tabuleta encerada e um estilo, os discursos e debates no Senado Romano.



**Tabuleta encerada e o estilo.**



**Caneta e *estilos* romanos. (British Museum Department of Greek and Roman Antiquities)**



**Códice = Tabuletas enceradas, que eram encordoadas juntas. (Berlim – Staatsmuseen)**

Os taquígrafos (ou *semiógrafos*) dividiam-se em três classes:

“**notarii**” (também chamados de “atuários” ou “cursos”), que recolhiam as palavras ditadas;

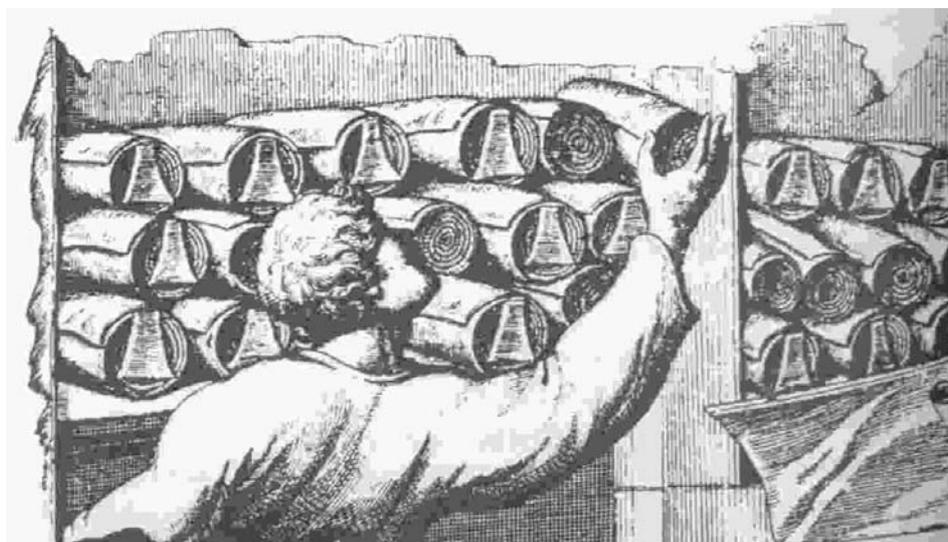
“**librarii**” (ou “amanuensi”), que transcreviam os livros e recopiavam por extenso os escritos em caracteres taquígráficos dos notários;

“**exceptores**” (ou “escreventes dos tribunais”), que anotavam todos os detalhes dos processos e as sentenças nos tribunais.

Normalmente, o registro taquígráfico era feito por mais de um taquígrafo. A eles se juntava uma fileira de escravos encarregados da troca das tabuletas, de amanuenses que transcreviam o conteúdo das tabuletas e formavam os textos, que, depois de revistos pelos oradores, eram recopiados em pergaminhos ou em papiros – e publicados. Depois da transcrição, as tabuletas eram alisadas com a outra extremidade do estilo, em forma de espátula, e novamente usadas.

Tal operação foi bem descrita por Prudêncio (348-405 d.C.): “*Cera rursus nitiscens, innovatur area.*” (A cera, de novo alisada, deixava a área como nova.)

Dela também nos fala Horácio, aludindo ao trabalho do poeta: “*Saepe stylum vertas, iterum quae digna legi sint scripturus*”. (Com frequência inverte o estilo, para escrever novamente coisas que são dignas de ser lidas.) (Sátiras, I, X, 72,73)



Método de guardar rolos na antiga Roma. As etiquetas eram penduradas nas pontas dos rolos. (Fonte: MANGUEL, Alberto – Uma História da Leitura., tradução de Pedro Maia Soares, São Paulo – Companhia das Letras, 1997., p. 152.)

---

A taquigrafia penetrou agudamente no mundo romano. Os escritores, os homens de negócio valeram-se desta arte para ditar aos seus secretários as próprias composições, enquanto que uma função ainda mais importante era aquela dos notários que trabalhavam nos tribunais (os “exceptores”).

Assim refere Ammiano Marcelino: “*Assistebant hinc et inde notarii, quid quesitum esset, quidque responsum, cursim ad Caesarem praeferentes.*” (Estavam presentes, de uma parte e de outra, notários, que corriam para relatar a César o que havia sido perguntado e o que havia sido respondido.)

Por isso, diz Gabelsberger (Obras, Vol. II, pág. 66): “*Entre os romanos, a arte de escrever rápido foi considerada e apreciada como uma matéria digna da maior atenção, recomendável pelas suas interessantes aplicações e utilizável de mil maneiras, tanto na vida política quanto na vida privada.*”

Outras provas da sua importância e da sua difusão nos são oferecidas pelas obras dos principais escritores da antiguidade, nas quais não é raro dissertarem sobre esta arte, elogiando-lhe os méritos e exaltando-lhe os resultados.



Marco Valério Marcial

Assim Marcial celebra em verso (Livro XIV – Epigrama nº 208):

“*Currant verba licet, manus est velocior illis:*

*Nondum língua, suum dextra peregit opus.*”

“Ainda que as palavras corram, a sua mão é mais ligeira ainda:

A língua ainda nem emitiu a palavra, a mão já terminou a tarefa.”

Belíssimo é o epigrama que Ausônio Décimo Magno (310 – 395), um dos últimos poetas latinos, escreveu em louvor da taquigrafia e dos taquígrafos, intitulado:

“**Ad notarium velocissime excipientem**” (A um taquígrafo muito veloz):

<p>Puer, notarum praepetum sollers minister, advola; bipatens pugillar expedi, cui multa fandi copia punctis peracta singulis ut una voce absolvitur.</p>	<p>Apressa-te, jovem e hábil taquígrafo, prepara a tabuleta, na qual, com simples sinais, escreves frases inteiras, com a mesma presteza com que outros fixam uma só palavra.</p>
<p>Evolvo libros uberes, instarque densae grandinis</p>	<p>Dito realmente depressa, pois que pronuncio tão rapidamente como</p>

<p>torrente lingua perstrepo tibi nec aures ambigunt nec occupatur pagina Et mota parce dextera volat per aequor cereum.</p> <p>Cum maxime nunc proloquor, circumloquentis ambitu, tu sensa nostri pectoris vix dicta jam ceris tenes. Sentire tam velox mihi vellem dedisset mens mea quam praepetis dextra fuga tu me loquentem praevenis. Quis, quaeso, quis me prodidit? Quis ista jam dixit tibi quae cogitabar dicere? Quae furta corde in intimo exercet ales dextera, quis ordo rerum tam novus veniat in aures ut tuas, quod lingua nondum absolverit?</p> <p>Doctrina non haec praestitit; nec ulla tam velox manus celeripedis compendii. Natura munus hoc tibi Deusque donum tradidit, quae loquerer ut scires prius idemque velles, quod volo.</p>	<p>granizo quando cai; mas nada escapa aos teus ouvidos e as tuas tabuletas nunca se enchem. A tua mão voa sutil pela superfície encerada, e mal tenho proferido longas frases, já as fixaste.</p> <p>Pois não posso eu pensar com tanta rapidez, como tu ao escreveres!</p> <p>Dize-me – já que te antecipas às minhas idéias – como me atraíças? Quem te revela o que eu medito? Quantas palavras a tua mão não furta à minha mente! Que segredos são esses? Como acontece que ainda mal a minha boca se abriu, já me percebeste? Nenhuma arte, nenhum preceito te poderiam ter dado este poder de abreviar, porque nenhuma outra mão tem a velocidade da tua.</p> <p>Foi só Deus que te deu esse dom, porque somente Ele podia permitir que saibas aquilo que vou dizer antes que eu fale, e que a tua vontade se sobreponha à minha.</p>
---	--

Uma outra prova da enorme difusão da taquigrafia em Roma prende-se ao fato de que escritores de renome se serviam dela para ditar as suas cartas e as suas obras. Assim, sabemos que as Notas eram usadas por Caio Plínio Segundo, conhecido como “Plínio, o Velho”. Esta informação foi fornecida pelo próprio sobrinho, “Plínio, o Jovem”, que, em uma carta ao seu amigo Macer, diz, falando a respeito do tio:

*“In itinere, quae solus ceteris curis, huic uni vacabat. Ad latus notarius cum libro et pugillaribus, cuius manus hieme manicis manebantur, ut ne coeli quidem asperitas ullum studii tempus eriperet: qua ex causa Romae quoque sella vehabatur”.*

(Em viagem, quase livre de toda preocupação, dedicava-se inteiramente ao estudo. Tinha sempre a seu lado um notário com a tabuleta e o estilo, e, no inverno, fazia-o calçar as luvas, a fim de que o rigor da estação não o afastasse nem mesmo um momento do estudo, e por esta razão também em Roma andava sempre em liteira.)

E o próprio Plínio, o Jovem, servia-se da taquigrafia em seus trabalhos. Em uma carta a Fusco (Livro IX, carta XXXVI), ele diz:

*“Vós me perguntais como eu regulo o meu dia no verão, na minha propriedade da Toscana. Acordo quando posso, ordinariamente por volta da primeira hora, raramente mais tarde. Mantenho as minhas janelas fechadas, porque o silêncio e a*

*escuridão deixam no espírito toda a sua força, não sendo distraído por nenhum objeto externo e ficando, assim, livre e dono de si mesmo. Se tenho algum trabalho começado, dele me ocupo, preparo até as palavras, como se as escrevesse e as corrigisse. Chamo um notário, mando abrir as janelas e dito o que acabara de compor. Ele sai, chamo-o de novo, em seguida o dispenso. À quarta ou quinta hora, de acordo com o tempo, vou passear em uma rua ou em uma galeria, e continuo a compor e a ditar.”*

Até mesmo os imperadores não deixaram de aprender as Notas, de exercitarem-se nelas e, alguma vez, de ensiná-las.



**Augusto**

Um exemplo marcante foi o de Caio Júlio César Otaviano, chamado de Imperador Augusto (63 a.C. – 14 d.C.), que elevou a taquigrafia à arte liberal e incentivou o seu estudo, fundando numerosas escolas. Conta-se que ele fundou 300 escolas de Taquigrafia.

Ele próprio, como narra Suetônio, ensinou esta arte a seus netos:

*“Nepotes (suos) et literas et notare aliaque rudimenta per se plerumque docuit, ac nihil aeque laboravit, quam ut imitarentur chirographum suum”.* (Ensinou em grande parte ele próprio aos seus netos a ler e a escrever em Notas e os outros rudimentos, e sobretudo se esforçou, a fim de que imitassem a sua própria escrita.)



**Tito**

Suetônio narra também, no capítulo 3 da sua obra “Vida de Tito Vespasiano”, como este imperador foi hábil e rápido nas Notas, a ponto de disputar com os seus secretários.

*“E pluribus comperi notis quoque excipere velocissime solitum, cum amanuensibus suis per ludum jocumque certantem, imitari chirographa quaecumque vidisset.”* (Várias pessoas me contaram que ele costumava taquigrafar muito

velozmente, competindo, por divertimento, com os seus amanuenses, e costumava imitar qualquer escrita que visse.)



**Diocleciano**

O Imperador Diocleciano, ele próprio filho de um escriba, ordenou que o pagamento dos professores de Notas Tironianas nas escolas seria de 75 *denarii* por mês por aluno.



**Imperador Constantino**  
(Mosaico bizantino)

Temos o Imperador Constantino, ao mover a sede do Império para Constantinopla, classificando os taquígrafos imperiais como elevados funcionários da Corte, pondo-os no nível dos tribunos (na antiga Roma, magistrados encarregados de defender os direitos e interesses do povo junto ao Senado).

O escritor satírico Lúcio Apuleio, na sua obra “*Metamorphoseon Libri XI*” (Onze livros de metamorfose), mais conhecida como “O Asno de Ouro”, depois de haver narrado a graciosa fábula de “Eros e Psique”, por ele escutada em uma das suas aventuras imaginárias, conclui com palavras que demonstram quanto era generalizado o uso das Notas na antiga Roma:

“...*sed astans ego non procul dolebam mehercules, quod pugillares et stilum non habebam, qui tam bellam fabellam praenotarem*”. (Mas eu, que assistia de perto à narração da fábula, me condoía, por Hércules, de não ter comigo as tabuletas e o estilo para anotar uma fabulazinha tão graciosa.)

## A TAQUIGRAFIA E A IGREJA

Nesse período, a evolução da taquigrafia estava intimamente ligada aos acontecimentos políticos e à vida privada das pessoas,. De modo que é fácil compreender como, em Roma, a infiltração de novas idéias, de novos cultos, de costumes estrangeiros, começassem a influir na decadência das Notas.

Neste ambiente, no entanto, desenvolve-se o Cristianismo, que, com seus princípios de igualdade absoluta de todos perante Deus, determinará uma das mais formidáveis revoluções que a História registra.

É interessante notar que na época de Cristo as Notas Tironianas estavam em pleno uso. Em sua obra *Griechische Paläographie* (Leipzig, 1879; reprod. 1978), o erudito Viktor Gardthausen apresenta argumentos do uso de taquígrafos por São Paulo. São Paulo teria, então, ditado, várias de suas epístolas a notários, notadamente no caso da epístola aos Colossenses, onde Tychicus atuou como notário e Onesimus como transcritor.

A taquigrafia, que se encontrava no início de um período de decadência, causado pela inexorável queda de todo o complexo orgânico e político da Roma imperial, teve, ao contrário, no Cristianismo, um novo motivo de vida.

Tornava-se necessário conservar todas as palavras daqueles que davam a vida pela nova Fé e, como disse São Basílio, porque *“as palavras têm asas, e convém servir-se de signos para deixar registrado, com a escrita, o discurso fugidio”*.

Podemos afirmar, como Giunta Salvatore (*La Stenografia e la storia della Chiesa nei primi secoli della nostra era – nel n.6 del Bollettino dell’Accademia Italiana di Stenografia, Pádua, 1932.*) que *“a história da Igreja dos primeiros séculos da nossa Era deve à taquigrafia numerosos documentos capitais para a reconstrução da vida dos cristãos naqueles tempos longínquos, mas é preciso dizer-se também que a taquigrafia deve ao nascente Cristianismo, se ela pôde conquistar tão rapidamente um tal grau de desenvolvimento de maravilhar a todos”*.

Desde o ano de 93, o Papa Clemente Iº instituiu a função de sete notários eclesiásticos, encarregados de taquigrafar os depoimentos dos Mártires da Igreja. Mas um desenvolvimento ainda maior teve lugar no terceiro século d. C., com Cecílio Cipriano, Bispo de Cartago, que adaptou as Notas Tironianas às necessidades do Cristianismo, tornando assim possível tanto a tomada das palavras dos doutos da Igreja quanto dos mais humildes, mas extraordinariamente grandes, depoimentos dos Mártires da Fé.

Entre esses, São Genésio de Arles, que exercia a arte de notário nos tribunais. A sua profissão acabou sendo a causa do seu martírio, como a sua Fé foi a sua origem. Um dia, quando estava exercendo a sua função de taquígrafo diante do tribunal do juiz instrutor, “foram lidos decretos cruéis e sacrílegos de uma nova perseguição aos cristãos, a qual o devoto de Deus, ouvindo-a, rechaçava-a, e a sua santa mão recusava-se de imprimir sobre a cera” (“Dalla Vita di S. Genésio d’Arles”, de S. Paolino, Bispo de Nola (5º século). Indignado, ele lançou no chão a tabuleta encerada e o estilo, mas foi, por este gesto, condenado, pelo juiz, ao martírio e à morte.



Martírio de São Cassiano, por Innocenzo Francucci.

Também São Cassiano sofreu o martírio por esta arte, que exercitava e ensinava em Ímola, cidade da qual era Bispo. Marco Aurélio Prudêncio, poeta espanhol do século 4º d.C., escreveu um hino em louvor de São Cassiano de Ímola. É o Hino IX (Passio Sancti Cassiani Forocorneliensis), do Peristephanon, um conjunto de XII Hinos, em que relata o martírio de diversos cristãos.

Narra o Poeta que um dia ele, dirigindo-se a Roma, deu uma parada em Foro Cornélio (Ímola) para visitar o sepulcro de São Cassiano. Enquanto rezava, levantando o rosto, fixou os olhos sobre um quadro, representando o martírio do Santo: “Cassiano – narra Prudêncio – estava dilacerado por mil feridas: todos os membros do seu corpo estavam feridos, cheios de chagas, e toda a sua pele estava despedaçada por pequenos furos. Em volta dele, um bando de meninos, coisa horrível de se ver!, molestavam-no, furando o seu corpo com pequenos estilos, os mesmos estilos de que se serviam para escrever sobre a tabuleta encerada e taquigrafar as suas lições.

“O guardião do sepulcro disse-me: o que você está vendo, meu hóspede, não é uma lenda sem fundamento, ou um conto. Esta pintura representa uma história, como está escrita nos livros, que demonstra a verdadeira fé dos tempos antigos. Cassiano era mestre de escola. Ele era perito em registrar as palavras com signos abreviados e em seguir rapidamente, com pequenos caracteres, a palavra fugidia. Os seus rígidos preceitos e a severidade do seu rosto incutiam nos alunos ira e temor.”

“Quando uma cruel tempestade de perseguições se desencadeia sobre o povo cristão, o mestre Cassiano é dilacerado na sua escola, porque se negou a oferecer sacrifícios aos deuses”.



São Jerônimo (Pietro Paolini)

Não podemos esquecer de São Jerônimo, que aprendeu as Notas Tironianas e exerceu a profissão de notário em Roma.

São Jerônimo, cotado entre os maiores Doutores da Igreja dos primeiros séculos, homem de cultura enciclopédica, escritor, filósofo, teólogo, retórico, possuía uma equipe de dez notários para taquigrafar seus discursos e suas obras. Segundo S. Isidoro de Sevilha, São Jerônimo, um improvisador por excelência, ditou e compôs 6000 livros.

As suas obras foram publicadas pelos Beneditinos, de 1696 a 1706. Os taquígrafos eram mantidos por seus amigos e admiradores.

Interessante é este trecho em que São Jerônimo se refere a um taquígrafo:

*“Notário aut statim dicto quidquid in buccam venerit, aut si paululum voluero cogitare, melius aliquid prolaturus, tunc me tacitus ille reprehendit, frontem rugat, menum contrahit, et se frustra adesse toto gestu corporis contestatur.”* (Dito logo ao notário o que me vem aos lábios, e se paro um pouco para refletir, para dar uma melhor forma ao que exponho, ele me reprova, franze a testa, aperta os dedos, a querer demonstrar, com toda a postura do corpo, que ele está ali sem fazer nada.)

De São Jerônimo temos ainda outro interessante fato. Foi encarregado pelo Papa Damaso I (de quem era secretário) de traduzir as Sagradas Escrituras, revendo a versão dos Setenta. E foi a tarefa empreendida da seguinte maneira: um rabino lia para ele o texto em hebraico. São Jerônimo traduzia simultaneamente para o latim e *um taquígrafo anotava imediatamente a tradução latina*. Esta tradução da Bíblia por São Jerônimo ficou conhecida pelo nome de “Vulgata”.

Santo Agostinho, bispo, teólogo e filósofo, um dos maiores expoentes da Igreja, tinha uma equipe de dezesseis notários.



**Tomás de Aquino**

Tomás de Aquino (1225-1274), frade dominicano, Doutor da Igreja e o mais insigne expoente da Escolástica, dono de portentosa memória e inteligência invulgar, ditava, no silêncio da cela, a três ou quatro taquígrafos ao mesmo tempo, *“cellae autem silentio tribus saepeque quatuor librariis uno tempore dictabat”* (Atti dell’Accad. Romana di S. Tommaso d’Aquino, vol. I, pág. 63.). Tomás de Aquino era, ele próprio, segundo seus biógrafos, um velocíssimo escritor, que se utilizava muito de abreviações. Sua intensa atividade de estudioso, de mestre e de escritor estimulava uma escrita abreviada, que poupava tempo e papel. Esta carência de papel na Idade Média induzia ao uso da escrita abreviada. Há o testemunho do frade Nicolau de Marselha, discípulo de São Tomás em Paris, de que este, vivendo na pobreza, *non habebat chartas* (não tinha papel) para escrever o livro “Contra Gentes” e o ia compondo *in schedulis minutis* (em pequenos bilhetes).

Ainda sobre o uso da taquígrafia pela Igreja, é importante salientar que todos os Concílios, incluindo o Vaticano II, tiveram um Corpo de Taquígrafos.

As Notas Tironianas tiveram uso especial na Corte Papal. Vários Papas tiveram taquígrafos à sua disposição.

Foi, então, o Cristianismo que deu novo alento à taquigrafia, exatamente no momento em que esta iniciava a sua decadência. Mas a decadência era inevitável, pois muitos fatores contribuíam para isso.

Em primeiro lugar, é preciso considerar o fator técnico: trata-se de uma arte surgida no último século a.C. e, apesar de ter sido revista e atualizada, as bases haviam ficado mais ou menos inalteradas.

Durante esses séculos a escrita havia continuado na sua progressiva e incessante ascensão. Dos caracteres geométricos e primitivos, como a escrita maiúscula dos romanos, havia passado lentamente para a escrita cursiva, que, na realidade, pode ser considerada uma escrita rápida, em relação à anterior. Além disso, as modernizações e modificações que as Notas sofreram nos vários séculos, para poderem responder plenamente ao uso a que eram destinadas, ofereciam notáveis desvantagens. Faltava uma coesão e uma unidade no sistema, e aumentava-se notavelmente o número das abreviações de caráter particular e fixo.

Desta forma, enquanto os elementos fundamentais do sistema permaneciam inalterados, sem sofrer uma transformação gráfica que permitisse a eles atualizarem-se às novas exigências, de outra parte as modificações produzidas tendiam a transformar o sistema orgânico em uma forma de escrita mais ou menos subjetiva.

Ora, se se pensar a que ponto de difusão alcançaram as Notas, pode-se facilmente compreender quais conseqüências inevitáveis deveriam sofrer. Em primeiro lugar, a falta de segurança na releitura das Notas. E como documentos legais e leis eram escritas em caracteres estenográficos (Notae Juris), acabaram por gerar facilmente erros e falsas interpretações, a tal ponto que o Imperador Justiniano se viu obrigado a proibir o seu uso em documentos legais.

Além de tudo isso, um fator de capital importância contribuiu para acelerar o desaparecimento desta arte: a decadência política.

Com a queda do Império romano do Ocidente (476), desaparece a grandeza e o esplendor de Roma.

Além da decadência política, iniciou-se um período de decadência para as artes, as ciências.

Também a taquigrafia foi vítima, por assim dizer, dessa decadência. E, da mesma forma como o esplendor, a efervescência e a potência de Roma, como a eloqüência dos grandes homens políticos haviam feito surgir do nada esta arte, haviam-na plasmado, feito viver e funcionar, assim a submissão política, a ausência de oradores, foram determinantes para a decadência das Notas.

Diz Gabelsberger (Obras, Vol. II, pág. 69):

*“É pena que, com a queda da República Romana, também a Estenografia, junto com a eloqüência política, que lhe havia dado origem, tivesse sido obrigada a sentir logo as danosas conseqüências do esfacelamento das instituições cívicas, submetendo-se às tormentas dos tempos, como tantas outras belas artes da antiguidade, e tivesse caído num longo letargo.”*

*“O grande interesse que a arte havia suscitado em torno de si, e que apenas podia assegurar uma verdadeira vitalidade, não existia mais para ela; a livre palavra dos homens de Estado e dos patriotas iluminados teve que se calar diante da violência preponderante dos opressores da liberdade. Por outra parte, a que propósito podia valer a pena polir e aperfeiçoar ainda mais uma arte tão difícil e a que faltava, agora, um escopo?”*

Mas como Roma não estava morta e vivia em seu sono profundo, pronta a assenhorear-se ainda do mundo, assim esta arte não desaparece de todo, mas vive uma

vida ignorada, na sombra, esperando talvez o homem que a levasse ainda uma vez à luz do sol.

A decadência das Notas se acentua ainda mais no século VI, e a causa é sempre o fator político.

Podemos dizer que do século VII ao Xº, as Notas foram usadas quase exclusivamente nas chancelarias dos Merovíngios e dos Carolíngios.

Raros sinais desta arte são encontrados no século XI, e parece que o último documento referente às Notas Tironianas seja de 1067, na França sob Filipe I.

## A REDESCOBERTA DAS NOTAS TIRONIANAS

Nos séculos subseqüentes as Notas Tironianas não foram mais usadas. Mas não ficaram perdidas de todo. Elas aparecem ainda uma vez na vida da taquigrafia, graças ao trabalho daqueles estudiosos que por elas se interessavam, buscando novamente as suas origens, estudando a sua técnica.

Nesta fase, as Notas Tironianas levantam-se da obscuridade em que se encontravam e reaparecem gloriosas. Na feliz citação de Zeibig, este estágio da sua história sugere um reaparecimento “*dubiae crepuscula lucis*” (da luz de um crepúsculo).

Examinemos, então, como as Notas foram redescobertas e quais foram os estudiosos que se dedicaram ao estudo desta forma de escrita abreviada prodigiosa.

Certamente a reconstrução deste sistema taquigráfico não foi muito fácil. Faltavam documentos precisos sobre os quais se basear.

De fato, com muita probabilidade, mesmo no tempo em que estava em uso, não existia nenhuma gramática, mas apenas dicionários, chamados “léxicos”, “comentários”, “*notarum laterculi*”.



Abade Tritêmio

O historiador e teólogo, abade beneditino, Tritêmio (1462-1516) foi o primeiro que se ocupou das Notas Tironianas, que ele afirmou ser obra de Marco Túlio Cícero. Em 1498, descobriu um “saltério” escrito em Notas Tironianas, e que até àquele ponto era tido como redigido em língua armênia.

A descoberta do Tritêmio foi o primeiro passo, que tornou possível a tantos outros estudiosos prosseguirem na obra de reconstrução e redescoberta das Notas.

	approbat		modestus		epistola
	comprobat		immodestus		litera
	improbus		modicus		literæ
	probus		immodicus		syllaba
	probitas		commodus		tempus
	improbitas		incommodus		per tempus
	probabilis		accomodat		per idetempus
	reprobat		in modum		temporalis
	modus		admodum		extemporalis
	modulus		quoadmodum		homo

Quadro de notas tironianas do Tritêmio

De fato, a descoberta do Tritêmio atraiu logo a atenção de outros eruditos. Aqui é bom lembrar que foi o Tritêmio quem deu a denominação de “tironiana” a esta grafia especial. O termo “notas tironianas” é, pois, do Tritêmio.

O papa Júlio II (o papa de Rafael e de Michelangelo) recebeu, como curiosidade, uma obra escrita com signos antiqüíssimos e inusitados. E ele a submeteu a vários doutos, para que a interpretassem. Mas como não conseguiram, Júlio II confiou a tarefa ao douto Pietro Bembo (1470-1547), célebre humanista e historiógrafo de Veneza. Pietro Bembo era bibliotecário de S. Marco e possuía uma preciosa coleção de antiguidades.

Tratava-se de um fragmento de manuscrito, com o título “Hyginus, De Sideribus”, transcrito em caracteres não usuais, que Bembo, depois de várias tentativas de decifração, reconheceu como sendo a escrita de Cícero, as chamadas Notas Tironianas. Tratava-se de comentários de Iginio a respeito das estrelas.

*“Eo lecto, statim admonitus sum ratione esse illam Ciceronianam scribendi”.*  
(Tendo lido, me ocorreu de súbito que se tratava da maneira de escrever de Cícero.)

Ele não fala em Tiro, talvez por influência que tivesse tido dos estudos do Tritêmio.



Jan van Gruytère

Os estudos sobre as Notas Tironianas não progrediram, e o único que trouxe uma contribuição decisiva à matéria, depois do Tritêmio, foi o Grutero (Jan van Gruytère).

Grutero (1560 – 1627), filólogo de Anversa, professor em Heidelberg em 1592, partindo dos estudos do Tritêmio, publicou, em 1602, uma coletânea de 13.000 Notas Tironianas, em apêndice à obra “*Inscriptiones antiquae totius orbi romani*”, com o título de “*Notae Tulli Tyronis ac Annei Sececae, sive characteres quibus utebantur Romani veteres in scriptura compendiaría, ubi litera verbum facit*”.



**Jean Mabillon**

Um passo decisivo em direção ao estudo das Notas Tironianas foi dado pelas pesquisas e pelo labor dos Beneditinos da Congregação de S. Mauro, na Abadia de Saint Germain de Près, perto de Paris. Ocorreu após as polêmicas travadas entre Beneditinos e Jesuítas acerca da autenticidade dos documentos do Rei merovíngio. Jean Mabillon, monge da Abadia e um dos mais sábios e fecundos escritores do séc. XVII, publicou uma defesa, depois de seis anos de estudo, em 1681, a sua vasta obra “*De Re Diplomática*”, que constitui o nascimento da ciência diplomática e da paleografia.

Nesta obra, Mabillon dedicou algumas considerações a propósito das antigas abreviações.

No livro I, “*In quo veterum Instrumentorum antiquitas matéria et scripturae explicantur*”, no capítulo XI, depois de haver tratado dos vários tipos de escrita entre os romanos, menciona as “*notae compendiosae*” (*abreviações muito resumidas*), que, acrescenta, dizem terem sido inventadas por Tiro, liberto de Cícero.

No fim do Cap. XVIII, intitulado “*Tironis notae na receptae in Chartis*”, trata de propósito das Notas de Tiro “*quibus loquentem scribendi celeritate veteres adaequabant*” (com as quais os antigos seguiam no mesmo passo o orador com a velocidade do escrever).

Não se pode dizer que Mabillon tenha dado uma grande contribuição ao conhecimento e à interpretação das Notas Tironianas. O seu mérito foi ter mencionado as Notas, o que imprime valor de autoridade à sua obra, bem como do fato de que um erudito tão genial como ele tivesse compreendido a importância das Notas e tivesse feito referências a elas, acrescentando peso ao estudo de outros eruditos anteriores.

Por outro lado, uma substancial contribuição para a descoberta das Notas e sua construção foi trazida pelo beneditino Pietro Carpentier (1697-1767), que em sua obra “*Alphabetum Tironianum*” procurou revelar o ordenamento interno das Notas.

Outros estudiosos ocuparam-se das Notas e das suas interpretações, mas não trouxeram uma verdadeira e substancial contribuição no que se refere à sua reconstrução.



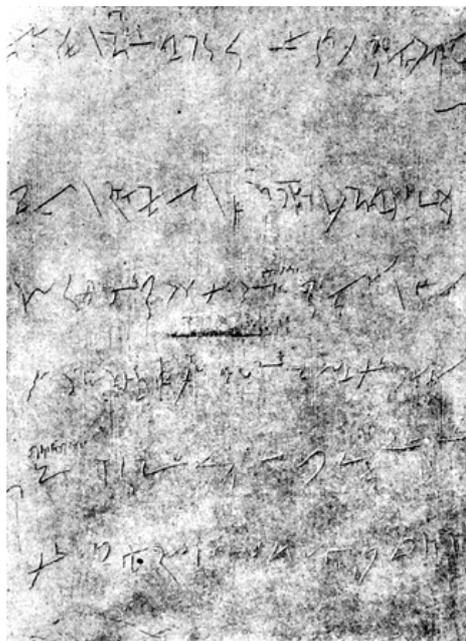
Alfabeto Troniano				
Alfabeto	Forma fonda- mentale	In un'altra posizione	Modificato	Abbreviato
A	Λ	1><	b b b b	Λ Λ Λ Λ
B	3	~ 3.		3
C	C	o n	o c s p r r	o
Ch	X			Λ
D	∠		δ ρ	∠ o
E	∟	1	∟ ∟ ∟	∟ ∟
F	∟	∟ ∟ ∟	∟ ∟	∟ ∟ ∟
G	<< G	<< n	g	<< o o
H	Y	∟	3	Y ∟ ∟ - 2
I	I	Λ ∟	∟ ∟ ∟ ∟	
K	K	∟ ∟		K << ∟ ∟
L	L	∟ ∟ < ∟ ∟ ∟	∟ ∟	- ∟ ∟ ∟ ∟
M	m	3 w s	∟ ∟ ∟ ∟	∟ ∟ ∟ ∟ ∟ ∟
N	Z	∟ ∟	z ∟ ∟ ∟	z ∟ ∟ ∟
O	o	o	o b ρ ω	o o ∟ ∟
P	p	∟ ∟ ∟ ∟ ∟	∟ ∟	∟ ∟ ∟ ∟
Ph	∟			
Q	∟		q q < ?	o ∟ ∟ ∟ ∟
R	r	q o b	ρ	∟ ∟ ∟ ∟ ∟ ∟ ∟ ∟
S	s	∟	∟ ∟	∟ ∟ ∟
T	T		∟ ∟ ∟ ∟ ∟	∟ ∟ ∟ ∟
V	V	> ∟	∟ ∟ ∟ ∟ ∟	∟ ∟ ∟ ∟
X	X			
Z	Z			q q

Quadro extraído do livro "Storia Delle Scritture Veloci",  
de Francesco Giuliotti, pág.54.





Fragmento de papiro do séc II, conservado em Lipsia, e encontrado no Egito em 1855, pertencente ao arquivo de um funcionário romano em Mênfis, todo escrito em caracteres taquigráficos. (Extraído do livro “Storia delle Scritture Veloci, Francesco Giulietti.)



Tableta encerada do séc III d. C., com nítidos sinais taquigráficos, do British Museum de Londres. (Extraído do livro “Storia delle Scritture Veloci, Francesco Giulietti.)

## Lista de importantes obras e autores que tratam da história da taquigrafia.

- ✓ **James Henry Lewis** (1816) (ing.)
- ✓ **Leon Scott de Martinville** (1849) (fr.)
- ✓ **Franz Julius Anders** (1855) (al.)
- ✓ **Giulio Valdemaro Zeibig** (1819 – 1905) – “Geschichte und Literatur der Geschwindschreibekunst” (História e Literatura da Arte de Escrever Rápido.)
- ✓ **Hans Moser** – “Allgemeine Geschichte der Stenographie”, Leipzig, 1889 (História Geral a Estenografia).
- ✓ **Karl Faulmann** (aus.) – “Historische Grammatik der Stenographie” (Viena, 1887);
  - “Geschichte und Literatur der Stenographie” (Viena, 1895);
  - “Illustrierte Geschichte der Schrift” (Viena-Leipzig, 1880)
- ✓ **Henri Krieg** (1835 – 1900) – “Katechismus der Stenographie” (1876, 3ª edição 1900)
- ✓ **Alfred Tschan** – “Geschichte, Wesen und Bedeutung der Stenographie” – Solothurn, 1881.
- ✓ **Christian Johnen** – “Geschichte der Stenographie” (Berlim, 1911);
  - “Allgemeine Geschichte der Kurzschrift” (1917)
  - “Kurzgefassten Geschichte der Stenographie” (2ª e 3ª edições: 1924 e 1928)
- ✓ **Matthias Levy** – “History of Short-hand Writing” (Londres, 1862)
- ✓ **Thomas Anderson** – “History of Short-hand” (Londres, 1882)
- ✓ **Isaac Pitman** – “A History of Short-hand” (1884, 3ª edição, 1891, 4ª edição, 1922)
- ✓ **Albert Navarre** – “Histoire générale de la Sténographie” (Paris, 1909)
- ✓ **Louis Prospere t Eugène Guénin** – “Histoire de la Sténographie dans l’antiquité et au moyen age” (Paris, 1908).
- ✓ **Olof Werling Melin** – “Stenografiens Historia” (dois volumes em língua sueca, publicados em Estocolmo em 1927-29).
- ✓ **Enrico Majetti** – “Disegno storico della stenografia” (2ª edição, Nápolis, 1910)
- ✓ **Felice Tedeschi** – “L’arte della stenografia, sua origine, storia e utilità” (Turim, 1873, 2ª edição, 1874)
- ✓ **Giuseppe Aliprandi** – “Storia della Stenografia” (Pádua, 1925)
  - “Lineamenti di storia della stenografia” (Turim, 1940)
- ✓ **Abramo Mòsciario** – “Sintesi della storia della Stenografia” (Roma, 1958).
- ✓ **Enrico Noe** – “Compendio di Storia della stenografia italiana” (Trieste, 1909)
  - “Storia generale della stenografia esposta in tavole cronologiche” (Trieste, 1912)
- ✓ **Arthur Mentz** (1882-1957) – “Geschichte und Systeme der griechischen Tachygraphie” (Berlim, 1907)
  - “Geschichte der Stenographie” (Berlim, 1920)
  - “Antike Stenographie” (Munique, 1927)
  - “Die Tironischen Noten” (Berlim, 1940-41)

Autores de obras sobre a estenografia antiga,  
especialmente sob o aspecto paleográfico e diplomático.

- ⇒ **Friedrich Ulrich Kopp**
- ⇒ **Theodor Gomperz**
- ⇒ **Victor Gardthausen**
- ⇒ **Michael Giltbauer**
- ⇒ **Karl Wessely**
- ⇒ **Jules Tardif**
- ⇒ **Julien Havet**
- ⇒ **Émile Chatelain**
- ⇒ **Wilhelm Schmitz**
- ⇒ **Ludwig Traube**
- ⇒ **Valentin Rose**
- ⇒ **Cesare Paoli**
- ⇒ **Carlo Cipolla**
- ⇒ **Luigi Schieparelli**
- ⇒ **Ernesto Monaci**
- ⇒ **Vincenzo Federici**
- ⇒ **Giulio Battelli**
- ⇒ **Giorgio Cencetti**
- ⇒ **Augusto Cacurri**
- ⇒ **Aldo Cerlini**
- ⇒ **Giorgio Costamagna**

**OBRAS CONSULTADAS:**

Storia delle Scritture Veloci (Giulietti, Francesco)

La Stenografia Risorta Ad Arte Romana (Canale, Mario)

History of Shorthand (Anderson, Thomas)

---